

Espaço geográfico: Ocidente medieval

Texto e fotos de

João Vicente Ganzarolli de Oliveira

Professor titular do NCE/UFRJ

<https://espacoalexandria.ufrj.br/category/artigos>

Publicado em 20 de outubro de 2025.

*Quem és tu que queres julgar, / com
vista que só alcança um palmo, / coisas
que estão a mil milhas?*

Dante Alighieri



Jesus triunfante e os quatro Evangelistas (igreja de São Trófimo, em Arles, no sul da França)

O saudoso polímata austro-brasileiro Otto Maria Carpeaux (1900-1978) não estava longe da verdade em seus comentários acerca das múltiplas pequenas renascenças (notadamente a visitótica, a carolínea, a otoniana e a do século XII) que, após a queda do Império Romano, nascem em solo europeu e precedem a Renascença propriamente dita. Um milênio após o ocaso de Roma, esta se deixou inaugurada por Cimabue, Dante, Giotto e Petrarca e foi capitaneada por Leonardo da Vinci, Ariosto, Michelangelo Buonarroti, Torquato Tasso, Giovanni Pierluigi da Palestrina e Rafael Sanzio. Em sua inimitável História da Literatura Ocidental, Carpeaux afirma que “Essas renascenças consecutivas constituem um fenômeno inquietante: tentativas sempre repetidas de apoderar-se da substância da civilização antiga; sempre repetidas porque, talvez, sempre malogradas”.

São malogros tão inevitáveis quanto férteis (como Carpeaux não deixa de assinalar, preferindo chamá-los de “erros férteis”). A inevitabilidade decorre da impossibilidade de apoderar-se de um fragmento cultural do passado (no caso, a arte e a literatura greco-romanas) e transplantá-lo incólume a um dado

presente; a fertilidade, por sua vez, está em propiciar este florescimento inigualável de todas as artes na Itália do fim do Medievo, de modo a fazer de Florença uma nova Atenas, superando até mesmo o brilhantismo atingido durante o Século de Péricles. Consideremos o Românico, primeiro estilo genuinamente europeu, por assim dizer, nascido no século XII, no qual é forte a influência celta (notadamente irlandesa). É um Ocidente ainda na infância, mas que já prima por sua identidade. Sua arte é tão autêntica quanto vigorosa, rica em cores primárias e, até certo ponto, primitiva, se a compararmos com o refinamento que prevalecerá no estilo gótico, nascido em Paris na década de 1140.



Castelo baronial de Chauvigny, construído em estilo românico

Conforme expriimi num livro recente, “O Românico resultou da combinação entre estas duas tendências artísticas dominantes da Alta Idade Média, que foram a franca e a italiana – o que englobava, além da tradição carolíngio-otoniana, elementos tardo-romanos, paleocristãos, bizantinos, islâmicos e céltico-germânicos. Fala-se aqui de uma fusão dos estilos que vinham surgindo desde o declínio do Império Romano, nenhum deles suficientemente coeso e definido. Falta ao românico uma fonte artística central (por exemplo, a corte, como foi na arte carolíngia e na ottoniana); sob esse aspecto vincula-se mais à Europa bárbara. Não há, tampouco, uma sincronia exata: na Alemanha, por exemplo, a tradição carolíngio-otoniana estende-se até meados do século XIII. Se o Românico prima por uma coerência e desponta como estilo que abarca toda a Europa ocidental, isto se deve a muitos fatores: a cristianização total dos povos europeus (incluindo os vikings); o desmoronamento do califado de Córdoba em 1031, que facilitou a Reconquista da Ibéria pelos cristãos; a fixação dos magiares na Hungria, convertida ao cristianismo por Estêvão, santo e rei dos húngaros entre 997 e 1038.” (*História e geografia da arte. O fenômeno artístico no espaço e no tempo*, v. II).



Notre-Dame de Paris, a catedral gótica por excelência

Fundada em 1163 e tendo o seu altar-mor consagrado em 1182, a catedral parisiense de Notre-Dame é, como diz o nome, dedicada à Virgem Maria. Séculos depois, mais precisamente na década de 1790, o templo foi profanado de diversas formas, dentre elas a destruição de muitas de suas imagens devocionais. Não obstante, em 1804, Notre-Dame sediou a coroação de Napoleão, mil e quatro anos após Carlos Magno ter sido coroado imperador pelo Papa Leão III, em Roma, estabelecendo, dessa forma, as bases do Sacro Império Romano Germânico, destinado a durar até 1806.



Muralhas de Ávila

Berço de Santa Teresa (1515-1582) e de São João da Cruz (1542-1591), ambos místicos e ambos reformadores da Ordem dos Carmelitas, Ávila está entre as cidades mais encantadoras de toda a Península Ibérica, autêntico ocidente do próprio Ocidente. De Santa Teresa d'Ávila são sentenças como esta: "A alma que se entrega a Deus não teme a adversidade." (*O Livro da Vida*); por seu turno, São João da Cruz, amigo e confessor de Santa Teresa, considerava que "A constância de ânimo, com paz e tranquilidade, não só enriquece a pessoa como a ajuda muito a julgar melhor as adversidades, dando-lhes a solução conveniente".



Santiago de Compostela, na Espanha

Diz a tradição que São Tiago Maior, apóstolo de Jesus, foi o primeiro evangelizador da Península Ibérica. Um milagre ocorrido no século IX deu respaldo ao que, até então, se detivera no plano exclusivo da oralidade. O local do túmulo pôde ser identificado, e o Caminho para Santiago tornou-se uma rota não apenas religiosa, mas cultural e política também. Efetivamente, o afluxo de cristãos oriundos das mais diversas partes da Europa favoreceu o intercâmbio de ideias e práticas artísticas (o Românico deve muito a esse fenômeno) e, também, a emancipação dos reinos ibéricos, que, na sequência dos

acontecimentos, viriam a se transformar no que hoje chamamos de Portugal e de Espanha.



Santiago de Compostela, na Espanha

Lembro-me bem da peregrinação que fiz a Santiago de Compostela, isso ainda na década de 1980. O peregrino da foto percorreu aquele mesmo caminho em 2008, ano em que voltei (como visitante, não como peregrino) àquele lugar sagrado. Conforme cheguei a dizer no mesmo livro referido anteriormente, “Em meados do século X, a Cristandade chegou à Escandinávia, por intermédio dos anglo-saxões, que também levaram a arquitetura em pedra – que já começara a ganhar terreno durante o reinado de Carlos Magno. Antes, contudo (no ano 909), fundou-se o mosteiro de Cluny por Guilherme de Aquitânia, que reabilitou o Papado e rapidamente se expandiu pela Europa, vindo a tornar-se um verdadeiro ‘império monástico.’ (José Pijoán et alii. *Summa artis. Historia general del arte. El arte románico: siglos XI y XII*). Em dois séculos, a ordem contava com cerca de 1200 abadias. Essa multiplicação difundiu decisivamente as rotas de peregrinação para Santiago de Compostela, ao mesmo tempo em que colaborou para o desenvolvimento da arte cristã medieval.” (J.V.G.O. *História e geografia da arte. O fenômeno artístico no espaço e no tempo*, v. II).

Motivos diversos justificam o fascínio desta fortificação medieval localizada em Milão no norte da Itália. Um deles consiste em ser o *Castell Sforzesco* (i.e., o Castelo da Família Sforza) uma das maiores cidadelas

européias que sobreviveram ao passar dos séculos. Sua fundação original se deve a Galeazzo II Visconti (1320-1378), membro da dinastia Visconti, que reinou sobre Milão de 1277 a 1447. Em 1450, transferido definitivamente o cetro do poder da família Visconti para a família Sforza, a fortificação começa a ganhar novo feitiço (entenda-se palaciano), que é este que hoje admiramos e no qual residiram personagens de grande relevo para a história do Ocidente, a começar por Ludovico Sforza (Duque de Milão de 1494 a 1499), que se cercou de artistas de renome para a decoração do palácio, dentre eles Bramante e Leonardo da Vinci.



Castelo dos Sforza, em Milão

Remontam à pré-história as origens de Bruges, capital da província de Flandres Ocidental, situada na parte flamenga do país que hoje chamamos de Bélgica. Seus muitos canais e suas muitas pontes fazem dela uma espécie de Veneza do Norte, atribuição que divide com Amsterdã e São Petersburgo. Considerada Patrimônio Mundial da Unesco desde o ano 2000, Bruges foi conquistada por Júlio César quando das Guerras Gaulesas e foi integrada no que viria a Gália Romana. Posteriormente, chegaram os francos e, depois deles, os vikings. No século XI, Bruges tornou-se capital de Flandres, nação que, nos séculos XV e XVI, dividiu com a Itália, a Espanha e a França o cetro das artes e da cultura do Ocidente.



Bruges, na Bélgica

Cantada em verso e em prosa ao longo de mais de mil anos, a Veneza propriamente dita, rainha do Adriático, chegou a dominar metade do Mediterrâneo. Dela partiu Marco Polo em 1271 rumo à China mongol, reino poderosíssimo que alcançou e onde permaneceu durante vários anos, como homem de confiança de Cublai Cã, o imperador dos mongóis. Sua narrativa, publicada sob o título de *Il Milione*, estimulou as navegações ibéricas mediante as quais os europeus descobriram a América, chamada por eles de “novo mundo”. Era o ano de 1492, considerado com justiça como um dos marcos cronológicos para o fim da Idade Média e o começo da Idade Moderna.



Veneza, na Itália